

Barras Maning Arretadas: Reproduzindo as Vozes do Hip-Hop nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa¹

Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior²

Gabriel Moreira da Silva Cunha³

Juliana Miranda Garcez⁴

Davi Rodrigues Pinheiro⁴

Universidade Federal de Rondônia, Campus Porto Velho, RO

RESUMO

O objetivo deste resumo expandido é analisar e destacar as vozes de artistas do cenário do rap de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, utilizando o produto radiofônico “Barras Maning Arretadas”, um projeto experimental de podcast desenvolvido na Universidade Federal de Rondônia que difunde a cultura hip-hop dos respectivos locais. Esse projeto integra o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/UNIR).

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Hip-Hop; Podcast; Língua Portuguesa; África.

O presente resumo expandido se propõe a analisar a importância das vozes de rappers silenciados, destacando o papel fundamental que desempenham na preservação da história, na expressão da resistência e na promoção da liberdade de expressão. Utilizando como exemplo o podcast Barras Maning Arretadas, desenvolvido por graduandos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia.

¹ Trabalho apresentado no GT Expressões da Folkcomunicação, Mídia e Cultura Popular, evento integrante no 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia/UNIR, Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra. Líder do grupo de pesquisa e extensão BARRAS - Bloco de Ações em Rap, Rádio e Ausências Sonoras. Criador do projeto de rap Barras Maning Arretadas. email: carlos.guerra@unir.br.

³ Estudante do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Rondônia (PIBIC/UNIR). Membro do grupo de extensão pesquisa BARRAS/Unir. email: gabrielmoreirac6@gmail.com

⁴ Estudante do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Membro do grupo Membro do grupo de extensão e pesquisa BARRAS/Unir. email: julianamirandagarcez@gmail.com

⁴ Estudante do sétimo período do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia. Bolsista do programa de iniciação tecnológica PIBIT/UNIR, atuando no podcast Barras Maning Arretadas. Membro do grupo de extensão e pesquisa BARRAS/Unir. email: davipvhpineiro@gmail.com

O Barras Maning Arretadas é uma produção do grupo de pesquisa e extensão BARRAS - Bloco de Ações em Rap, Rádio e Ausências Sonoras, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. O objetivo principal do projeto é contribuir para a pesquisa e preservação da cultura em países africanos, destacando sua natureza contra-hegemônica e folkcomunicação.

O rap é essencialmente um produto folkcomunicação, pois, assim como definem Mendonça Júnior e Nobre (2016), o rap é “uma vertente rítmica musical e comunicacional, repositório e propagadora de ideias do meio popular que pode ser visto como uma representação da folkcomunicação, por conter marcas da comunicação de povos marginalizados” (p.25).

Este podcast destaca as narrativas e experiências de artistas que muitas vezes são reprimidas e censuradas socialmente, fornecendo uma plataforma para suas vozes serem ouvidas e suas histórias preservadas. A iniciativa não apenas resgata memórias e promove a conscientização sobre o impacto da repressão cultural, mas também demonstra o poder da mídia e da educação na amplificação das vozes marginalizadas e na promoção da liberdade de expressão.

Até o presente momento foram elaborados, como parte do projeto Barras Maning Arretadas, três episódios. O primeiro abordou a cultura do rap em Cabinda, um enclave de Angola que busca emancipação política. O segundo explorou a cidade de Chimoio, em Moçambique. O terceiro episódio buscou analisar a cultura do Hip-Hop em Malabo, a capital da Guiné Equatorial, investigando as dinâmicas políticas, sociais e econômicas do país e seu impacto na produção musical dos artistas locais.

Durante o processo de produção dos episódios, os graduandos conduziram revisão bibliográfica sobre o conteúdo já produzido nesses países, bem como entrevistas exclusivas com rappers e produtores, incluindo ativistas que abordassem o cenário político em que os artistas estão envolvidos. Essas fontes de informação foram essenciais para a criação do conteúdo dos podcasts.

Complementarmente, os estudantes fazem uso de pesquisa documental. Na pesquisa documental, os estudantes selecionam as músicas de rap de cada um dos locais estudados. Segundo Maria Marly Oliveira (2007), a pesquisa documental é aquela que se dá por fontes primárias, que ainda não passaram por um tratamento científico. Sendo assim, os estudantes utilizam múltiplas plataformas online, como Youtube, sites,

Facebook e Whatsapp, a fim de catalogar as músicas e criar hierarquias entre elas, para estruturar o conhecimento científico. Além de catalogar as músicas, buscou-se cartazes e informações técnicas dos artistas, em redes sociais como Facebook e Whatsapp.

Em seguida, os materiais foram gravados e editados e por fim foram publicados para o público. Nos países estudados do continente africano, a censura e a perseguição a artistas de *rap* são bem comuns, a situação pode variar em diferentes países africanos. Essas medidas estão ligadas a questões políticas e sociais, com governos reprimindo a liberdade de expressão e tentando controlar o discurso público.

O Hip-Hop é forma de expressão artística, que tem sido uma ferramenta para a resistência e a expressão da identidade cultural em contextos opressivos. Segundo Price (2006), esse movimento surgiu na década de 1970 em comunidades negras e latinas do sul do Bronx, em Nova York e foi influenciado por diversos fatores sociais, econômicos e políticos que moldaram o contexto urbano da época. Em meio a um cenário de pobreza, desemprego, segregação racial, jovens buscavam maneiras de expressar e superar as adversidades enfrentadas em suas comunidades.

Foi neste contexto que o hip hop começou a se formar como uma forma de expressão artística e resistência. O movimento é formado pelos elementos surgiu o MCS, DJs, o breakdance e a arte do grafite. Juntos, os MCs e DJ formam o rap. Os elementos deste movimento surgiram como formas de criatividade e auto expressão para esses jovens. As festas de ruas, conhecidas como “block parties”, se tornaram espaços onde os DJs tocavam músicas em sistemas de som improvisados, enquanto os MCs (Mestres de Cerimônia) improvisavam rimas sobre as batidas, em um estilo mais tarde que ficou conhecido como rap.

Para reflexão sobre o formato radiofônico proposto no Barras Maning Arretadas, são explorados os conceitos elaborados por Marcelo Kischinhevsky (2016) sobre o rádio expandido e seus efeitos. O autor discute as diferentes formas de circulação dos conteúdos radiofônicos, que podem ser abertas ou restritas, envolvendo serviços de microblogging, diretórios de podcasting e webrádios. Adicionalmente, Luana Viana (2023) traz o conceito de jornalismo narrativo, que promove formas inéditas de criar narrativas radiofônicas, utilizando a experimentação sonora e se inspirando em contribuições do jornalismo literário, para sair da objetividade convencional do rádio.

Assim, os três podcasts lançados utilizaram trechos de música como forma de narrar o cotidiano das cidades analisadas.

Kischinhevsky (2016) ainda introduz o conceito de rádio social, que se baseia na formação de redes de amizade e comunidades virtuais para distribuir conteúdos radiofônicos. Antes de se tornar um projeto de pesquisa da Universidade Federal de Rondônia, o Barras Maning Arretadas promoveu ações que podem ser consideradas dentro dessa concepção de redes de amizade. Esse projeto foi motivado por um desafio de rimas promovido pelo rapper e produtor Tchaka, de Quelimane, em Moçambique, que criou um desafio de rimas em abril de 2020, logo no início da pandemia do Covid-19. Mais de 100 artistas participaram, o que motivou o professor da Universidade Federal de Rondônia a realizar um festival online, envolvendo pessoas de oito países em 2020. Além disso, o projeto possibilitou a gravação de músicas e videoclipes, trazendo parcerias inéditas para os artistas.

Como contribuição também para o referencial teórico a obra *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (2002) do sociólogo Erving Goffman, no Hip Hop pode ser analisada de diversas maneiras. Goffman explica que as interações sociais são teatralizadas, ou seja, as pessoas se apresentam de maneira consciente para moldar a percepção sobre suas realidades. No rap os artistas frequentemente adotam personas e narrativas específicas para expressarem suas identidades e experiências.

Por exemplo, os artistas usam as letras de suas músicas para contar suas histórias e realidades das suas comunidades urbanas representando uma versão de si mesmo, incorporando elementos de resistência e autenticidade. No contexto criado pelo autor e apresentado no livro estes rappers pode ser vista como uma forma de dramaturgia social, onde esses jovens estão performando suas identidades para diferentes públicos.

A representação do eu no cenário do hip hop pode ser entendida à luz dos conceitos de dramaturgia social impostas pelo autor. No rap, os artistas utilizam suas músicas e performances para construir e comunicar suas identidades de maneira estratégica e contextualizada, representando a realidade em suas comunidades. Desse modo, o rap configura-se como um elemento fundamental na disseminação de conhecimento político e social de cada país.

Aliada a isso, o projeto Barras Maning Arretadas tem uma iniciativa de criar soluções significativas para o empoderamento de vozes que são, como traz Aníbal

Quijano (2005) e Maldonado Torres (2008), silenciadas pelos ideais eurocêntricos. Esse silenciamento é caracterizado por Maldonado Torres (2008) como colonialidade do saber, a qual é responsável pela deslegitimação da cultura em países colonizados historicamente, caracterizando uma cultura invisível e insignificante nestes locais.

Conclui-se que a iniciativa do podcast não só resgata memórias e promove a conscientização sobre o impacto da repressão cultural, mas também demonstra o potencial transformador da mídia e da educação na amplificação das vozes marginalizadas e na busca pela justiça social. É uma contribuição valiosa para o entendimento das interseções entre arte, cultura e resistência em contextos globais e locais.

O projeto ainda traz espaços inéditos para os rappers e ativistas que têm dificuldade de expressão nos cenários em que estão inseridos, proporcionando a eles um espaço em que podem se manifestar livremente em relação às suas vivências. Além da divulgação dos episódios, por meio do podcast inserido no Spotify e Youtube, há o envio de *releases* divulgando cada episódio em sites e jornais brasileiros e dos respectivos países dos artistas, provocando uma ampla difusão das vozes dos rappers divulgados neste projeto de iniciação tecnológica.

REFERÊNCIAS

DAMASCENO, R. História do hip hop: a evolução dos anos 70 aos dias atuais.

Letras, Música, 5 abril 2024. Disponível em:
<https://www.lettras.mus.br/blog/historia-do-hip-hop/> acesso em: 5 abril 2024.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002a.

GOFFMAN, E. **Frame analysis**: an essay on the organization of the experience. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T. GARCEZ, P. M. (orgs). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002b.

KISCHINHEVSKY, M. Métodos de pesquisa qualitativa aplicada à comunicação radiofônica. In: MOURA, C. P. de; LOPES, M. I. V. de (orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

MENDONÇA JÚNIOR, F. C. G. de; NOBRE, I. de M. Rap: uma representação pós-colonial e contra-hegemônica no cenário cultural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 25–40, 2016. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18976>. Acesso em: 8 abr. 2024.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRICE, E. G. **Hip-hop culture**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2006.

VIANA, L. **Jornalismo narrativo em podcast: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Florianópolis: Insular, 2023.

MALDONADO-TORRES, N. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: Modernidade, império e colonialidade. **Revista crítica de ciências sociais**, 71-114, 2008.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 107-130, 2005.